

CIÊNCIA E PRECONCEITO: ENTRE A RAZÃO E A CURA. A AUTO-REPRESENTAÇÃO DOS MÉDICOS NAS TESES SOBRE EPILEPSIA – 1859 - 1906

Aluno: Rebecca Coscarelli Cardoso Bastos
Orientador: Margarida de Souza Neves

Introdução

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa realizado no Departamento de História dessa Universidade cujo nome é *Ciência e preconceito: uma historia social da epilepsia no pensamento médico brasileiro*. Este texto visa um trabalho mais específico, que tem como foco o estudo da auto-representação dos médicos na sociedade brasileira do período compreendido entre 1859 a 1906 através do discurso médico sobre epilepsia nas teses médicas do período. É possível observar através desse foco o papel atribuído a si mesmos pelos médicos, que se vêem como homens de ciência, mas também como agentes de ordenação da sociedade. Através do discurso científico, são capazes de construir sua própria imagem, que deverá ser assimilada pela sociedade brasileira do período.

Objetivos

O trabalho tem como objetivos: 1) Analisar de que maneira os médicos construíam uma determinada representação de si próprios e a retórica que preside a esta construção; 2) Analisar como, a partir dessa auto-representação, os médicos construíam a possibilidade de determinar a imagem e o lugar do outro (no caso os indivíduos que possuíam epilepsia) nessa sociedade; 3) Verificar se efetivamente havia uma dualidade na auto-representação médica na medida em que em alguns momentos é possível interpretá-la como uma mescla do ideal de uma medicina portadora do dom da cura por um lado e do poder da razão por outro.

Metodologia

Para atingir o primeiro objetivo desse trabalho, foi utilizado o conceito de representação formulado por Roger Chartier, que propõe que a construção das representações fornece uma organização conceitual ao mundo social ou natural a ser apreendida e comunicada[1]. Dessa maneira, ao construírem em seu discurso a possibilidade de serem eles mesmos os principais responsáveis por determinar sua própria realidade os médicos terão uma grande vantagem na construção da posição de seu grupo profissional nessa sociedade, já que têm a possibilidade de determinar não só a maneira como melhor querem ser vistos por essa sociedade mas, determinam também seu papel dentro dela. No caso, é importante ressaltar o lugar privilegiado do médico na construção e no ordenamento da nação brasileira do período, bem como a importância da auto-representação do médico para a ocupação desse lugar de destaque.

Para a realização do segundo objetivo, serão utilizadas as teses médicas do período estudado. Através dessa documentação é possível perceber a construção da imagem do doente pelo médico. Na medida em que se torna não o único, mas um importante responsável pela construção da imagem do *epiléptico* se torna, muitas vezes, juiz, na medida em que terá o embasamento científico para determinar o destino da vida do indivíduo, destino esse que muitas vezes será a condenação moral e social ao ostracismo, já que era preocupação da época o ordenamento da *cidade doente* que se contrapondo ao que era visto como a *cidade*

civilizada, e que passava a ser vista como inimiga do projeto ordenador e de construção do progresso próprios do período[2]. É possível identificar indícios que situam a epilepsia como um campo fértil para entender o entrecruzamento das coordenadas científicas com aquelas que revelam os padrões moralizantes que parecem presidir a ordem privada e as medidas coercitivas que procuram preservar a ordem pública. O médico toma para si o dever de contribuir, pela ciência, para o progresso e, pela prática médica, para a ordenação dos corpos e da sociedade.

Além disso, foi possível perceber, por enquanto, em uma tese [3] a construção feita pelos médicos de uma imagem de si mesmos como instrumento abençoado pelo poder da ciência, seja ela a que emana de um dom divino, seja ela a que se origina nas luzes da razão. Essa dualidade contribuía para reforçar a sua importância, pois, não seriam homens comuns que estariam cumprindo uma função de serviço, seriam os responsáveis não só pela cura através da razão, mas pela salvação da sociedade e de suas mazelas.

Conclusões

Passados dois anos de participação nesse projeto, algumas questões podem ser concluídas com embasamento naquilo que foi proposto e estudado. Um aspecto importante de ser ressaltado é a confirmação, mais uma vez, da importância da participação dos médicos na sociedade brasileira de meados do século XIX e início do XX. Ter em mente que este era não só um período de transformações políticas e sociais no país, mas que também, justamente por isso, foi um período no qual a consolidação de determinados agentes sociais – e, entre eles, o médico - nas esferas de poder foi essencial, na medida em que no processo de transformações os diferentes grupos queriam garantir seus privilégios e permanência como agentes que imprimiam direção à ordem. Nesse sentido a construção da representação dos médicos por eles mesmos foi importante devido ao fato de terem eles mesmos assumido a função de esboçar a imagem social de sua como função essencial para o projeto de ordem como progresso. que então se consolidava.

Além disso, através da construção de sua autoridade científica por meio de uma retórica que se expressa nas teses foi possível a consolidação de um saber médico e científico que, apesar de manter um diálogo freqüente com as novidades da medicina nos principais centros europeus de referência, na prática tinha que enfrentar seus limites no que diz respeito ao conhecimento da epilepsia.

É importante ter em mente que esses homens de ciência eram responsáveis por muitos dos estigmas de que eram vítimas os *epilépticos*, e que faziam recair sobre estes a lógica excludente característica da época. Homens de seu tempo traziam para o campo da ciência os preconceitos da sociedade em que viviam que, por vezes, legitimavam com o argumento de autoridade da ciência. Porque, ao contrário do que se pensava na época e do que talvez se pense hoje, a ciência não neutra, pois ela é produzida pelo homem e este é, antes de tudo, um ser social.

Referências

- 1- CHARTIER, Roger. *A História cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: DIFEL/Bertrand, 1988.
- 2 – ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: editora brasileira, 1989.
- 3- XAVIER, Ignácio Firmo. *O médico*. (Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia para obter o grau de doutor em medicina), Bahia: Typografia Liberal do Século, 1850.

Excluído: ¶